

Carrington da Costa pedagogo, autodidacta e cientista Justino Magalhães

1

Tendo tido oportunidade de passar várias horas, concentrado, reflectindo e fazendo pesquisas, na Biblioteca Carrington, que retoma, em parte a integridade de um *scriptorium* humanista, com cadeirões episcopais, forrados de veludo/ púrpura, uma mesa central, as paredes inteiramente revestidas de livros, apoiados numa estantaria em madeira de castanho, situada num salão terminal, com janelas, em duas paredes a que não falta a providencial lareira, assalta-me uma representação do Senhor de Montaigne, deambulando no torreão da sua casa da Gasconha, acompanhado dos "seus livros", exorcizando as verdades e as efabulações que não tinham tradução na realidade, deixando para depois os livros que constituíam uma dificuldade acrescida, porque ou ainda os não podia entender, ou seguramente jamais os entenderia, numa sobrançeria intelectual sobre a complexa e animada realidade envolvente. Muito provavelmente Carrington da Costa não pôde dispor do mesmo distanciamento em relação às suas fontes, nem de um deambulatório para as suas cogitações. Provavelmente também as suas obras nunca

estiveram arrumadas com a disposição que hoje apresentam, protegendo esse espaço de mediação/ distanciação entre o investigador e os livros, que as actuais instalações permitem. Mas muito provavelmente ainda, as figuras de Carrington da Costa e de Montaigne não deixariam de cruzar-se, percorrendo idênticos passos na busca de verdade.

Estas incursões à Biblioteca Carrington da Costa, ficam a dever-se de facto a uma curiosidade profunda em conhecer de mais perto a biblioteca e conhecer por ela o leitor, o bibliófilo, o cientista e pedagogo que a construíra e se construíra, adquirindo, estudando e comentando as obras ali existentes. Não sabemos como trabalhava Carrington da Costa: 1) se encontrou lugar para os seus livros pela ordem que os conhecia e dominava; 2) se trabalhava durante o dia ou durante a noite; 3) se partilhava as suas leituras com alguém; 4) não sabemos o que significa e o que vale a actual arrumação das suas obras, tal como se encontram na Biblioteca Pública de Braga. Perguntas fundamentais para as quais não há uma resposta directa.

Era senhor de uma esmerada e rara cultura biliófila. Percorrer os livros de Carrington da Costa é encontrar autores colectados e lidos, na sua integridade, mas é sobretudo descobrir fios condutores de uma epistemologia, de uma procura e de uma construção do conhecimento conduzidas, por dentro desse mesmo conhecimento, saltando e agregando obras e autores, piranteando-os, corrigindo-os, até Carrington da Costa se reencontrar a si próprio nos problemas que gerou e para os quais buscava ansiosamente a resposta.

Um autodidacta, um cientista. Quando leu pela primeira vez *L'Expérimentation en Pédagogie* de Raymond Buyse, porque seguramente voltou a esta obra mais vezes, pelo que, mais tarde, dado o uso viera a ser encadernada, com claro prejuízo aliás para as notas-resumos que havia colocado à margem, durante as leituras, Carrington da Costa sentiu um grande prazer ao sublinhar a definição de cultura geral do pedagogo com espírito científico, a quem atribui a superação de um certo «esoterismo» do prático e de uma certa «misogénia» do erudito (do pedagogo histórico) e ao cotejar e extractar para a margem, por outro lado, os conceitos de sábio e de erudito. Cultura geral do pedagogo com espírito científico é a atitude de o espírito se manter bem vivo e em contínua capacidade de aprender; um sentido cada vez mais apurado de

inteligência intuitiva e da razão razonante; um enriquecimento das necessidades profundas de aprender; uma tendência mais viva para conhecer pelas causas; uma melhor capacidade de trabalho pessoal, um poder acrescido de se renovar, uma atitude melhorada de criação mental (cf. Buyse, pp. 124-5).

Assim definido, o pedagogo assume uma atitude de sábio, que é quem interpreta o presente, perscruta o passado ou interroga o futuro, por contraste com o erudito que se limita a registar os conhecimentos. Ora se aquela deve ser a atitude do pedagogo face ao aluno, então entre o pedagogo e o cientista não há de facto oposição, pelo que Carrington da Costa tinha encontrado o seu descanso interior, tinha encontrado as suas parcerias e cumplicidades – uma compreensão para as suas inquietações. Que sábio é o que procura a verdade e cientista é o que dispõe de instrumentos, de método para a busca da verdade. E passo contíguo, interrogando-se, responde com Claparède, que o melhor mestre-escola, não pode deixar de ser «Um ignorante ... inteligente e entusiasta!» (cf. Buyse, p.125).

Faziam por consequência sentido, as suas inquietações por conhecer, saber, investigar – essa eterna busca da verdade. Não eram loucura a sua inquietação como professor, nem o desafio que lançava aos colegas de profissão e à escola para que procurassem conhecer cientificamente os seus alunos.

2

Um leitor crítico, pragmático e norteado por critérios científicos e racionais para a construção de verdade, inventor das suas próprias pesquisas, entretecendo uma problemática coerente e gradativa. Se se fazia acompanhar sempre de livros e se lia em todo o lugar, como o vulgo insiste em afirmar, seguramente que exigiu grande concentração quando mergulhava nas suas investigações mais profundas – sublinhava de forma alinhada, voltando várias vezes ao mesmo livro e à mesma referência, resumia e/ ou traduzia de forma esmerada, com uma autografia distinta, todos os conhecimentos que se lhe afiguravam relevantes.

Mas, seja-nos autorizado duvidar se Carrington da Costa terá lido alguma obra na íntegra. Mas porque certamente o fez, quantos autores lhe mereceram tal distinção? Por certo que muito poucos, para além dos seus contemporâneos e daqueles sobre quem teve de fazer comentários.

Carrington da Costa era um cientista, medeando entre a biblioteca e a experimentação. A biblioteca era a sua segurança, um referencial básico, uma parte integrante do seu laboratório, da sua oficina: precisava de saber a todo o momento o que esperava em cada livro; localizá-lo com a maior economia, trazê-lo em abono da sua causa, da sua dúvida ou da sua afirmação, recusá-lo e/ ou criticá-lo; mas o seu pensamento seguia um caminho próprio. Quando, após anos de pesquisa e de ensaio, passou a experimentar com regularidade os testes que adaptou e criou para conhecer a criança e o jovem portugueses, o rumo era-lhe marcado por esse regresso sistemático à biblioteca desafiado, pelo trabalho de campo. O rigor das suas observações exigia que a aplicação dos testes fosse feita com uma base criterial, com método, pelo que ele próprio se incumbia da tarefa. Mas também na comunicação dos resultados, Carrington da Costa procurou estar presente sempre que teve oportunidade, quer em Portugal, quer no estrangeiro para dar a conhecer com rigor e de forma comparada, as conclusões a que ia chegando.

Espírito arguto, intuitivo e prudente, comentando as reservas que Aguayo estabeleceu ao método estatístico, como meio de comparação de resultados obtidos entre grupos diferenciados, a partir de uma base percentual, Carrington da Costa não deixou de registar «para nós todos estes métodos não nos podem dizer que este método é melhor do que outro, se se deve censurar ou elogiar, por os métodos serem condicionados pelas circunstâncias bem como o elogio e a censura» (In Aguayo, p. 20).

3

Não erraremos no nosso julgamento se fizermos uma vez mais alusão à obra de Raymond Buyse, agora com sentido um pouco mais penalizante para o

nosso autor. Com efeito, ao lê-lo pela primeira vez, Carrington da Costa, já então com cerca de quarenta anos de idade, após uma carreira distinta como aluno da Escola Normal Superior de Educação de Coimbra onde fora discípulo e companheiro de alguns dos principais vultos da Pedagogia em Portugal, na primeira metade deste século, sendo agora professor efectivo em Braga (corria provavelmente o ano de 1936), não deixou de sentir que os pés lhe gelavam, ao fazer contas à biliografia que lhe faltava adquirir se quisesse prosseguir nas suas buscas. Fez contas, percorreu várias vezes a bibliografia referida naquela obra e assinalou com diferentes marcas os títulos dessas obras, estabelecendo assim uma hierarquia de prioridades. E todavia não desanimou. O mesmo exercício havia feito com o obra de Aguayo, algum tempo antes, bem como com as obras de Claparède. Aliás como adiante se referirá, Carrington da Costa estava então a operar uma profunda viragem no seu destino de pedagogo e de cientista.

Trabalhava directamente sobre os livros, que eram para si os principais instrumentos. Porventura não fazia uso de fichas, com conteúdos de leitura, e quando escrevia, devia fazê-lo directamente à máquina, mesmo para resumir, traduzir ou comentar alguns capítulos ou opiniões. O livro era de facto o seu companheiro de viagem e de inquietação. Ou porque não confiava nas fichas, ou porque elaborá-las era um sacrifício para uma mente tão concentrada e pragmática, intentando uma construção da verdade a partir de hipóteses e de problemas, contextualizados na vida real. A forma esmerada e expressiva com que escrevia, revela-nos, por outro lado, um processo de produção do conhecimento altamente intelectualizado e um pensador que recorre à escrita quando tem perfeitamente clara a sua ideia. Uma escrita não nervosa, um cursivo desenhado e metricamente perfeito. Os apontamentos e primeiras versões de textos que chegaram até nós, revelam uma escrita muito alinhada e amadurecida. Com frequência escrevia a lápis, como era a lápis que de uma forma geral sublinhava e comentava as passagens fundamentais dos livros, algumas das quais se apresentam sublinhadas por mais que uma vez.

Muito provavelmente desenvolveu e praticou vários tipos e estilos de leitura, mas era sentado a uma mesa que fazia a leitura mais profunda. Uma leitura questionadora e compreensiva, uma leitura cruzada e focalizada na realidade. Carrington da Costa era um homem de acção pelo que, quando ao ler um

autor se lhe afigurava que era necessário cruzar o pensamento, fazia-o no próprio texto. Aí recordava a si próprio os pontos de vista de outros autores, completava as ideias expressas, remetia sobre as mesmas questões para outros autores, esboçava hipóteses de análise e algumas problemáticas em aberto. Uma leitura interpelativa e dialógica, onde os autores eram (re)construídos nas suas autonomia, parceria e cumplicidade. Uma interlocução alargada, uma construção sistemática de painéis, uma sucessão de diálogos entre cientistas, interpelados por um moderador atento, crítico e construtor de hipóteses inovadoras. Um autodidacta, inquieto e movido por uma profunda e fundamentada racionalidade científica. Convidado para o debate, jamais algum cientista deixou de ser interpelado, no(s) seu(s) próprio domínio(s), por Carrington da Costa. E de novo nos assalta a imagem do Senhor de Montaigne.

4

Entre 1935/ 36, sendo então professor efectivo em Braga, o destino de Carrington da Costa estava a sofrer uma profunda viragem. O seu itinerário de pedagogo e de cientista, após anos de fundamentação e de busca de uma cultura pedagógica em sentido genérico, inflectia para um pedocentrismo mais consequente, focalizado no conhecimento científico do aluno. Carrington da Costa voltava-se deste modo para uma pedagogia experimental e começava a adquirir com sistematicidade obras de natureza psicológica mas a que não deixava de contrapor outras abordagens, designadamente nos domínios da sociologia, da filosofia e da administração. Até então, a fazer fé num ficheiro bibliográfico que elaborara até ao início de 1936, Carrington da Costa havia adquirido sobretudo livros de Pedagogia Geral. Aliás ele próprio, quando intentou alguma classificação temática, se confrontou com a generalidade da área “educação”. Mas a viragem estava a operar-se e a partir desta data, Carrington da Costa passou a adquirir com critério de sistematicidade e quase-exaustão, toda a bibliografia de base experimental em educação, designadamente no domínio da psicologia e da psicométrie.

De Lorenzo Luzuriga e de Adolphe Ferrière, cada um na sua orientação própria (o primeiro introduzindo e sistematizando uma pedagogia de base histórico-cultural, o segundo, sistematizando os princípios de “Escola Nova”, com base pedocêntrica que confere à criança uma relativa autonomia e uma base pedagógica e didáctica activas, Carrington descobria agora, entre tantos outros, Claparède, Binet e Simon, Buyse, e por eles acedia aos mundos da medição das capacidades humanas e da testometria. De uma escola activa para uma escola “por medida”, definida a partir de um conhecimento científico do aluno. Que era este, em seu entender, o principal sentido do pedocentrismo. Ele que entendia que a escola, através da instrução, é um meio fundamental de educação.

Entre 1935/ 6 e 1940/ 1, Carrington da Costa estudou aprofundadamente as bases teóricas e metodológicas da psicometria, designadamente no que se refere aos testes de desenvolvimento mental; criou uma visão crítica sobre os instrumentos de medição até então utilizados, quer na Europa, quer nos Estados Unidos da América do Norte; fundamentou e adaptou ao caso português o teste de “Desenvolvimento mental de Otis”, para o que contou com autorização do autor e com uma pequena ajuda financeira da Câmara Municipal de Braga. Em 1940 estava preparado para enfrentar novos desafios e para propor este Teste como meio de diagnóstico a ser utilizado nos exames de admissão aos liceus, conforme se documenta no apontamento biográfico constante desta publicação.

Desconhecem-se os móveis deste novo rumo na vida de Carrington da Costa, muito embora o ficheiro a que se aludiu permita inferir que de há muito Carrington da Costa prosseguia um rumo investigativo, remetendo e caminhando criteriosamente de artigo em artigo, de autor em autor. Colaborou com o Instituto Aurélio da Costa Ferreira, aplicando testes sob a orientação de Faria de Vasconcelos, com quem se relacionou ainda que de forma indirecta (cf. carta de Dias Agudo), mas foi o relacionamento com Oliveira Guimarães, que seguramente envolveu Carrington da Costa, nas questões da política educativa, ao nível do ensino liceal (cf. apontamento biográfico).

5

Pedagogo, autodidacta e cientista, Carrington da Costa desenvolveu um estilo pessoal de trabalho, designadamente, cruzando leituras, como se tem vindo a referir. Tomando assim um exemplo de leitura cruzada, podem admitir-se dois campos fundamentais, em que Carrington da Costa se revelou muito seguro e prudente na recolha e concertação de opiniões: a) sobre o enquadramento e o valor da experimentação em pedagogia; b) sobre as bases estatísticas e comparativas dos resultados científicos. Outras áreas se poderiam aduzir, quer no âmbito da testometria em geral, quer no âmbito da acção docente e da política educativa. Carrington da Costa não cultivou a polémica, quanto mais aprofundava as suas buscas mais respeitava as opiniões dos outros, ainda que ultrapassadas, fragmentárias ou mesmo erradas. Espírito construtivo, acreditando extraordinariamente na razão e na pessoa humana, cultivava com os mestres e com os condiscípulos da ciência e da profissão, uma atitude análoga à que mantinha com os seus alunos, interrogando-os, inquietando-os e estimulando-os para irem mais além nas suas aspirações e na construção de si próprios.

Retomando a obra de Raymond Buyse, publicada em 1935, Carrington da Costa leu e sublinhou as informações e definições gerais que constituem toda a primeira parte da obra, para se ater com grande atenção nas questões metodológicas, designadamente na utilização do método estatístico, quer para o estudo do *caso único*, quer para o estudo de grupos equivalentes. E justamente quando anotou à margem, parafraseando o texto francês: “É exigido que os 2 grupos tenham a mesma média e a mesma variabilidade”, fez uma remissão para uma nota de pé de página, que de imediato redigiu com o seguinte conteúdo: “Veja-se pág. 20 “Pedagogia Experimental” de Th. Simon; pág. 276 “Psicologia del niño etc.” de Claparède; pág. 125; “La Paidologia” de Domingo Barnés.

Anotações de idêntico teor, surgem nas questões relativas ao método comparativo e à busca de uma fundamentação para a experimentação e para a medição – o que há de comparável e de mensurável na educação e na formação da(s) pessoa(s) humana(s)? Pelo que, com frequência Carrington

da Costa busca uma definição cruzada de conceitos fundamentais como educação, orientação vocacional, comportamento, não deixando de preocupar-se com leituras diferenciadas e com factores de especificidade, designadamente o papel dos factores sociais, culturais, familiares no comportamento intelectual e mental das crianças e adolescentes.

Na produção dos seus textos, vêmo-lo com frequência seguir das linhas gerais, no que se refere ao enquadramento e a princípios globais, para a especificidade da questão, ou do problema que o afligem, enunciando a sua tese de forma gradativa. De forma geral também, vêmo-lo estruturar o seu pensamento pedagógico e científico, tomando o factor tempo como um eixo fundamental na evolução e na organização do conhecimento. Há nos seus trabalhos uma grande componente historiográfica e historiológica, visando fundamentar os problemas, hipóteses e conceptualizações que vai estruturar.

6

Autodidacta, Carrington da Costa foi membro de diversas organizações científicas internacionais “Association Internationale de Psychologie Appliquée”, Paris; “Association Internationale de l’Orientation Professionnelle”, Bruxelas; “La Sociedad Española de Psicología”, Madrid; “La Asociacion Iberoamericana para la Eficacia y la Satisfaccion en el Trabajo”, Madrid; “Associação Jurídica de Braga”. Tomou parte em diversos Congressos e deixou uma obra escrita, que não sendo muito vasta, abarca diferentes áreas do conhecimento e contém um sentido inovador e de tese, tendente à valorização da ciência no conhecimento e na acção junto da pessoa humana.

Na constituição da sua biblioteca dominam as línguas portuguesa, com extensão ao Brasil, cuja produção científica conheceu de muito perto; a língua castelhana, quer pela produção original, quer através de traduções (p. ex. de Domingo Barnés Salinas, entre traduções e produção autónoma, Carrington da Costa coligiu, pelo menos 22 títulos); a língua francesa, que vindo em terceiro lugar não deixou de ser fundamental pois que tarvés dela estudou e

conheceu a produção de mestres como Binet, Simon, Claparède, Decroly. Leu e estudou em inglês, sobretudo a produção de autores norte-americanos, no domínio da psicologia experimental.

É uma biblioteca-arquivo, onde para além dos livros se podem encontrar colecções completas de revistas e milhares de testes, quer em enunciado, quer nas respostas dos inqueridos. De igual modo se pode encontrar alguma correspondência e uma infinidade de notas, apontamentos, rascunhos, contas e cálculos relativos às mais diversas situações experimentais. Qual o significado actual dos milhares de testes sobre a figura humana, aplicados às crianças entre os 7 e os 11 anos, que no ano de 1961 frequentavam as escolas de instrução primária de todo o distrito de Braga, parte do de Viana e parte do do Porto? Que utilização, ainda que historiográfica e arquivística, pode hoje ser feita das centenas de testes do “teste Colectivo de Desenvolvimento Mental de Artur S. Otis”, que Carrington da Costa adaptou e aplicou durante anos consecutivos a alunos do Seminário de Braga, dos Liceus de Braga e Porto e dos Colégios da região? Que significado assumiria o (re)estudo dos Testes de Vocabulário, dos Testes de Redacção (curiosamente elaborados sobre o tema Professor Ideal), dos Testes de Representação Mental de Decroly?

Como converter estas informações em fontes historiográficas para ampliar o conhecimento sobre as crianças e os jovens portugueses, sobre o seu rendimento e desempenho escolar, sobre os seus itinerários e destinos de vida, posto que na sua generalidade são ainda vivos? Permitirá esta fonte esclarecer o relacionamento das crianças portuguesas com a escola, nas suas diferentes origens, representações e expectativas?

7

A Biblioteca Carrington constitui um fundo autónomo sobre educação, da Biblioteca Pública de Braga que tem sido consultado, com maior ou menor regularidade por um grande número de leitores, com formação bastante

diversa. É uma biblioteca erudita, pelo que seguramente as buscas que nela tem feito boa parte dos leitores, são orientadas para a realização de trabalhos académicos. Mas a consulta não se esgota neste tipo de busca e muitos leitores têm beneficiado de uma oferta bibliófila que nem imaginam onde teve origem. Seria aliás de inteira justiça que uma biblioteca pública, como a de Braga, que disfrutou do estatuto de depósito legal, não deixe que tal estatuto subreleve a grande diversidade de ofertas e legados que estão na base e continuam a alimentar a constituição do seu riquíssimo espólio.

O que significaria uma estatística de leitores da Biblioteca Carrington? Quantos leitores terão tomado consciência que para certos assuntos das suas buscas, foi sempre aí que encontraram os livros que desejavam, como releva José Marques Fernandes, num trabalho recente (In Rodrigues, 1996). Quantos leitores, sem saberem muito bem o itinerário de buscas para os seus trabalhos, seguiram pistas colhidas de livro em livro, conforme a oferta que se lhes oferecia?

Como aprofundar o conhecimento sobre a origem, anos de publicação e de aquisição da generalidade dos livros desta biblioteca? E uma vez feita tal cartografia, como relacioná-la com a vida, a formação e a produção científicas de Carrington da Costa? Como relacionar e enquadrar a obra e a acção de Carrington da Costa? Que ligação, que tempo de constituição, que interacção? Seguramente que a biblioteca se constituiu no principal interlocutor de Carrington da Costa, autodidacta, afastado de Lisboa e de outros locais de mais intenso debate científico, mergulhado em múltiplos e diversificados afazeres, imbuído de uma atmosfera quixotesca para a sua existência, que só um apurado sentido de investigador, de bibliófilo e de bibliógrafo fora capaz de nortear. Todavia esta é uma dimensão antropológica que continua seguramente por explorar.

Que tempo viveu? Como se auto-retratou? (Ele de que aliás se guarda um auto-retrato a lápis, ao que tudo indica gravado numa folha que serviu de suporte ao apontamento de uma qualquer reunião, cuja acta para o nosso autor, se traduziu na produção desse grafismo a lápis).

Que se sabe do seu quotidiano escolar e do dos seus alunos?

Carrington da Costa conduziu a sua própria formação. Como e que autores privilegiou? Quais os conceitos fundamentais da sua própria produção discursiva? Como construiu o contexto e base de referência para se assumir como cientista autónomo? Prosseguiu um itinerário científico movido por uma lógica reactiva? Mimética? Procurou inscrever-se nalguma "escola"? Medindo e conhecendo a criança e o jovem portugueses, movia-o um conhecimento dedutivo, comparativo, ou admitiu uma via indutiva, construtiva, e porventura uma contribuição científica de sentido inovador?

8

Os estudos que agora se publicam traduzem uma diversidade de olhares, epistemologicamente diferenciados sobre a obra, a figura e a biblioteca de Carrington da Costa. São uma primeira triagem que resulta de um trabalho colectivo e interdisciplinar para a classificação dos mais de 7.000 títulos que constituem a Biblioteca Carrington, oferecida e depositada na Biblioteca Pública de Braga. São de igual modo, perspectivas de abordagem que sugerem linhas de investigação e apontam para estudos sistemáticos e de maior fôlego.

- a) O trabalho de Clara Costa Oliveira e Conceição Antunes, pretende revelar o sentido de actualidade dos estudos de Carrington da Costa, reconceptualizando-os à luz dos conhecimentos actuais e situando-os nas principais linhas de evolução até à actualidade.
- b) O estudo de Guilherme Silva, partindo de uma criativa hipótese de trabalho, revela como a constituição da biblioteca de Carrington da Costa é cativa da biblioteca da Escola Normal Superior de Coimbra, onde estudara e como Carrington segue um percurso inovador na pedagogia do seu tempo.
- c) O extenso texto de José Manuel Cruz dá testemunho detalhado do rigor, da sistematicidade, do sentido de actualidade e dos critérios científicos que nortearam a acção de Carrington da Costa nos domínios da Psicometria.

Eis por consequência três importantes contributos para o conhecimento do homem, do cientista e do pedagogo que foi Carrington da Costa. O testemunho de um conjunto de investigadores que em boa hora aceitaram o desafio de mergulhar nestes milhares de livros, classificando-os e encetando trabalhos de pesquisa que permitam às gerações actuais disfrutarem com acrescida vantagem de um fundo bibliográfico, documental e arquivístico, seguramente ímpar no todo nacional. A equipe de trabalho foi constituída por: Justino Magalhães que nas tarefas de classificação fora substituído por Lília Afonso; Clara Costa Oliveira; Conceição Antunes; Guilherme Silva; José Manuel Cruz, sendo Responsável do Projecto Óscar Gonçalves.

II. Apontamento bio-bibliográfico sobre Carrington da Costa

«Carrington Simões da Costa (Rui). Irmão do anterior*. É professor efectivo do Liceu Nacional de Braga. Nasceu em 25 de Agosto de 1894, em Azoia de Baixo, concelho de Santarém. Fez o Curso Secundário até ao 5.º ano no Colégio Militar e o sétimo no Liceu de Leiria. Foi estudar para a Bélgica, mas a 1.ª Grande Guerra obrigou-o a regressar a Portugal. Foi aluno do Instituto Superior Técnico ingressando depois, em 1917, na então Escola de Guerra. Licenciado a seu pedido, foi nomeado Agrimensor de 1.ª classe da província da Guiné, em 1919, desempenhando, desde 1920, as funções de Director interino dos Serviços de Agrimensura daquela Província. Desempenhou ainda, interinamente, as funções de Director dos Serviços de Agricultura, de Delegado do Procurador da República e de Conservador do Registo Predial. Regressa à Metrópole, em 1926, para ser presente à Junta de Saúde das Colónias e é dado como incapaz para todo o serviço no Ultramar, em 1927. Para ingressar no quadro do professorado do Ensino Secundário – 9.º grupo –, volta novamente a estudar e faz exame de admissão à antiga Escola Normal Superior da Universidade de Coimbra, em 1929 e Exame de Estado, em 1931. Nesse mesmo ano, é nomeado professor agregado do Ensino Secundário e vai fazer serviço no Liceu de Viseu. Em 1932, é nomeado, mediante concurso, professor efectivo do Liceu de Vila Real onde não chegou a exercer a sua actividade docente por concorrer e ter sido nomeado para o Liceu de Braga, onde se tem conservado até à presente data. Tem desempe-

nhado várias comissões de serviço**: Membro da Comissão de Pontos de Exame do Ensino Liceal; Vogal do Júri de Exames de Estado e Presidente do Júri de Exames de Aptidão Pedagógica (1941-1942); Membro da Comissão Encarregada da Revisão dos Programas Liceais (1941-1942) Vogal da Comissão Organizadora de Pontos de Exame de Admissão aos Liceus (1942-1943); Membro do Júri dos Exames de Estado do Liceu D. João III (1945-1946); Membro da Terceira Secção da Junta Nacional de Educação (1949-1950) e Membro da Comissão da Reorganização dos Serviços de Saúde (1955-1956 a 1956-1957). Foi um dos primeiros a divulgar, em Portugal, o método dos testes, para o que (se) serviu da palavra falada ou escrita e da adaptação e aferição desses reactivos. Assim, publica, em 1941, o trabalho:***

1943; "Vivência": uma ideia e uma palavra", 1945; "Será possível predizer e avaliar a eficiência da função docente?", 1945; "Subsídios para a história do movimento de Orientação Profissional. Sua introdução no nosso País", 1948; "Da Orientação Profissional e da Orientação Educacional," 1949, e "àcerca do estudo eficiente", 1952. Pertence à "Association Internationale de Psychologie Appliquée", Paris, à "Association Internationale de L'Orientation Professionnelle", Bruxelas, à "La Sociedad Española de Psicología", Madrid, à "La Asociacion Iberoamericana para la Eficacia Y la Satisfaccion en el Trabajo," Madrid, e à Associação Jurídica de Braga».

* Este apontamento biográfico dactilografado, que se conserva num dos maços que contém informação variada, foi seguramente elaborado pelo próprio Carrington da Costa e muito provavelmente fê-lo para concorrer a uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian para participar no Congresso de Copenhaga, em 1960 (...). Pela referência que faz ao irmão, tudo indica que concorreram e viajaram juntos.

Todavia, a ser verdade que esta sùmula biográfica se destinou a concorrer a uma bolsa da à Fundação Calouste Gulbenkian, não deixa de ser estranho que Carrington da Costa acentue sobretudo a sua colaboração com as entidades oficiais, para além da sua produção científica. É que de facto Carrington tinha já então uma grande experiência de aplicação de testes, incluindo a adaptação para o caso português, em 1941 do "Teste de Colectivo de Desenvolvimento Mental de Artur Otis", formas A e B. Tratar-se-ia antes de um concurso dirigido ao Instituto de Alta Cultura?

** Carrington mantinha, por esses anos, uma relação regular com Oliveira Guimarães, então à frente da Inspeção do Ensino Particular e pela correspondência conservada, pode concluir-se que Oliveira Guimarães sugeriu o nome de Carrington para várias comissões, incluindo o lançamento dos exames de trabalhos manuais.

*** O original dactilografado é omissivo quanto ao título deste trabalho.

Bibliografia citada

- BUYSE, R. (1935). *L'Expérimentation en Pédagogie*. Bruxelles.
- AGUAYO, A.M. (1930). *Pedagogía Científica. Psicología y Dirección del Aprendizaje*. Havana: Cultural SA.
- RODRIGUES, T. (1996). *Rui Carrington, Democrata e Pedagogo. No Centenário do Nascimento do Dr. Rui Carrington da Costa 1894-1994. Colectânea de Depoimentos e Estudos*. Braga: Escola Secundária Sá de Miranda/ Câmara Municipal de Braga.